



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS

SCARLETT NAYARA ALVES LUZ

DESCRIÇÃO DE PREDICATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

BRASÍLIA

2025

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS

DESCRIÇÃO DE PREDICATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

DESCRIPTION OF PREDICATIVES IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, no curso de Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília (UnB), para obtenção do grau de licenciado.

Orientador: Roberto Augusto Nunes Gandulfo

BRASÍLIA

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Roberto Gandulfo, por sua paciência, dedicação e disponibilidade em cada orientação, contribuindo de forma decisiva para a realização deste trabalho. À minha família e aos amigos, por todo apoio incondicional, por compreenderem minhas ausências e por permanecerem ao meu lado mesmo nos momentos de maior incerteza.

Um agradecimento especial ao meu filho, Tomaz, que, mesmo tão pequeno, demonstrou uma compreensão gigante para sua idade, sempre me cercando de amor e carinho nos momentos em que precisei estar ausente. Mesmo sem entender tudo, foi nele que encontrei o maior incentivo para seguir em frente.

Reconheço, ainda, todos os desafios que surgiram ao longo dessa jornada: as mudanças de coordenação, as alterações no currículo do curso, as greves e tantos outros obstáculos que exigiram resiliência e paciência de todos nós. Por isso, deixo minha profunda gratidão aos colegas de curso, pelas conversas que aliviaram o peso da caminhada, pelos desabafos compartilhados e pela parceria que tornou cada etapa mais leve, colaborativa e possível, mesmo diante das adversidades.

RESUMO

Este trabalho investiga de que forma a articulação entre a gramática tradicional e a gramática gerativa pode contribuir para a identificação e classificação dos predicativos no português brasileiro. A pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico discute limites e potencialidades de cada abordagem, destacando que a gramática normativa, apesar de apresentar conceitos claros e regras de concordância, não explica integralmente restrições sintáticas mais profundas. A aplicação de testes formais, como o deslocamento (topicalização) e o movimento QU (extração interrogativa), evidencia diferenças entre predicativos copulativos, integrantes e adjuntos, permitindo distinguir argumentos de adjuntos em construções ambíguas. Como contribuição prática, propõe-se uma trilha didática que sugere estratégias de sensibilização, experimentação e análise coletiva em sala de aula, visando promover uma aprendizagem mais crítica e consciente das relações sintáticas que estruturam os enunciados. Espera-se que os resultados possam auxiliar professores no planejamento de atividades que articulem as bases normativas com procedimentos formais, fortalecendo o ensino de gramática no Ensino Médio.

Palavras-chave: Predicativo. Gramática Gerativa. Sintaxe. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This paper investigates how the articulation between traditional grammar and generative grammar can contribute to the identification and classification of predicatives in Brazilian Portuguese. This qualitative, bibliographic research discusses the limits and potential of each approach, highlighting that normative grammar, while providing clear concepts and agreement rules, does not fully explain deeper syntactic restrictions. The application of formal tests, such as displacement (topicalization) and WH-movement (interrogative extraction), shows differences between copulative, integral, and adjunct predicatives, allowing arguments to be distinguished from adjuncts in ambiguous constructions. As a practical contribution, the study proposes a didactic sequence suggesting strategies for sensitization, experimentation, and collective analysis in the classroom, aiming to promote more critical and conscious learning of the syntactic relations that structure utterances. The results are expected to support teachers in planning activities that combine normative foundations with formal procedures, strengthening the teaching of grammar in secondary education.

Keywords: Predicative. Generative Grammar. Syntax. Portuguese Language Teaching.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO	4
ABSTRACT.....	5
INTRODUÇÃO	7
1. DESENVOLVIMENTO	9
1.1. GRAMÁTICAS	9
1.2. PREDICATIVOS NA GRAMÁTICA TRADICIONAL	10
1.3. TESTES SINTÁTICOS	12
1.4. PROPOSTA DE TRILHA DIDÁTICA.....	15
2. CONCLUSÃO	16
3. REFERÊNCIAS.....	18

INTRODUÇÃO

A gramática tradicional define predicativos como um termo autônomo (no sentido de Sautchuk (2018)) que pertence ao predicado, mas se refere ou ao sujeito, ou ao objeto (Cunha e Cintra, 2016; Lima, 2019; Almeida, 2024). Abaixo, apresento alguns exemplos de predicativo.

- (1) Maria é *inteligente*. [predicativo do sujeito “Maria”]
- (2) A aluna achou a aula *interessante*. [predicativo do objeto “a aula”]
- (3) Raphaella saiu da sala *preocupada*. [predicativo do sujeito “Raphaella”]
- (4) A moça comeu o feijão *cru*. [predicativo do objeto “o feijão”]

Embora a gramática tradicional classifique esses termos como predicativos, vamos propor, neste trabalho, testes que mostram que esses termos têm, na verdade, propriedades sintáticas distintas. Por exemplo, a topicalização desse predicativo só é lícita em alguns casos. Nos exemplos abaixo, marca-se com *t* os vestígios, que marcam a posição de origem de um constituinte movido.

- (5) *Inteligente*, Maria é *t*.
- (6) **Interessante*, a aluna achou a aula *t*.
- (7) *Preocupada*, Raphaella saiu da sala *t*.
- (8) **Cru*, a moça comeu o feijão *t*.

Por outro lado, ensinar gramática na escola, com base apenas em regras normativas, continua sendo um desafio tanto para professores quanto para estudantes de língua portuguesa. A gramática tradicional é importante porque apresenta as categorias gramaticais, as regras de concordância e as relações básicas entre os termos da oração. No entanto, quando usada isoladamente, essa abordagem nem sempre dá conta de explicar certas estruturas mais complexas, principalmente quando envolve termos que podem gerar dúvida, como os predicativos.

Na prática, é comum que a identificação dos predicativos se restrinja a regras de concordância ou à posição que ocupam na frase, sem considerar de forma mais profunda as relações entre sujeito, verbo, objeto e possíveis adjuntos. Essa forma de analisar, embora útil em um primeiro momento, pode levar a classificações apressadas ou superficiais. Autores como Bechara (2019) e Travaglia (2009) mostram que a gramática normativa precisa ser complementada por ferramentas que ajudem a entender melhor como a frase se organiza internamente.

Nesse sentido, a gramática gerativa, proposta por Chomsky (1965, 1986) e aplicada em estudos mais recentes, como os de Gandulfo (2025), oferece recursos que ajudam a aprofundar essa análise. Por meio de testes formais — como o deslocamento e o movimento QU — é possível observar se um termo funciona de fato como argumento do verbo ou se atua como adjunto, o que nem sempre fica evidente apenas olhando para a superfície da frase.

Assim, acredita-se que juntar o olhar normativo da gramática tradicional com os procedimentos formais da gramática gerativa pode tornar mais precisa a forma de classificar os predicativos, diminuindo ambiguidades e oferecendo bases mais seguras para o trabalho em sala de aula. Diante disso, este trabalho busca responder à seguinte pergunta: **como a articulação entre a gramática tradicional e a gerativa pode ajudar a esclarecer ambiguidades na classificação dos predicativos?**

Para isso, definiu-se como objetivo geral analisar de forma comparativa como cada abordagem trata os predicativos, apontando limites, vantagens e o que isso significa para o ensino de língua portuguesa. Os objetivos específicos são:

- a) Descrever os conceitos principais da gramática tradicional e da gramática gerativa sobre os predicativos;
- b) Aplicar testes sintáticos (deslocamento e movimento QU) a frases escolhidas para verificar restrições de mobilidade e vínculos argumentais;
- c) Organizar os resultados em quadros comparativos que ajudem a visualizar as propriedades estruturais e que possam servir de apoio para professores.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico, baseada em autores reconhecidos nas duas abordagens. A parte prática consiste na aplicação dos testes sintáticos a frases-modelo — inclusive com casos que envolvem preposição — para mostrar, na prática, as diferenças entre argumentos e adjuntos, seguindo a orientação do orientador.

Além desta introdução, o trabalho está dividido em quatro capítulos: o segundo traz a revisão de literatura, apresentando os fundamentos das duas abordagens; o terceiro descreve os passos metodológicos; o quarto mostra e discute os resultados; e o quinto retoma a pergunta inicial, reúne as conclusões e sugere caminhos para pesquisas futuras.

1. DESENVOLVIMENTO

1.1. GRAMÁTICAS

No contexto escolar brasileiro, a tradição latina e os modelos normativos europeus deram origem a uma forma de ensinar gramática que ainda hoje serve de base para professores e alunos. Essa abordagem, chamada de gramática tradicional, valoriza a descrição normativa do uso da língua, estabelecendo categorias fixas e regras claras para concordância e para a relação entre os termos na oração. Para autores como Bechara (2019) e Travaglia (2009), essa base é essencial para a formação inicial do aluno, principalmente para reconhecer e classificar os elementos da frase.

Quando se fala em predicativos, por exemplo, a explicação costuma se restringir à distinção entre predicativo do sujeito — geralmente ligado a verbos de ligação — e predicativo do objeto — associado a verbos transitivos. Assim, em frases como “João é inteligente”, “inteligente” é considerado predicativo do sujeito; já em “João considerou Maria esperta”, “esperta” é visto como predicativo do objeto. Apesar de funcional, essa forma de classificação se limita ao que é perceptível na superfície da frase e não discute de forma mais profunda as restrições estruturais ou a diferença entre argumentos e adjuntos. Por isso, casos mais complexos acabam exigindo uma análise que vá além da abordagem tradicional.

Já na perspectiva mais recente de estudo da língua, destaca-se a contribuição da gramática gerativa, desenvolvida por Noam Chomsky a partir da década de 50. Ao propor que a linguagem seja vista como uma competência mental, e não apenas como um conjunto de regras, essa abordagem introduziu conceitos como estrutura profunda, transformações sintáticas e hierarquia entre constituintes, mostrando relações que não são visíveis apenas com uma análise superficial (Chomsky, 1965, 1986).

Para lidar com termos como os predicativos, a gerativa faz uso de testes sintáticos — como o deslocamento e o movimento QU — que permitem verificar se um termo é realmente argumento do verbo ou se atua como adjunto. Gandulfo (2025) mostra que, em construções como “João considerou Maria esperta”, o termo “esperta” não pode ser deslocado livremente, mas permite extração interrogativa (“Com quem João considerou Maria parecida?”), o que confirma sua função argumental. Já em frases como “Maria saiu interessada em quê?”, o bloqueio do movimento QU indica que “interessada” atua como adjunto.

Com isso, a análise se torna mais detalhada, trazendo instrumentos que ajudam a resolver ambiguidades de classificação que a gramática tradicional sozinha não esclarece. Por

outro lado, é importante reconhecer que essa abordagem exige maior abstração, o que pede cuidado na adaptação para o contexto escolar. Integrar essas duas perspectivas torna a análise mais rica e pode oferecer ao professor uma base mais sólida para explicar fenômenos sintáticos que costumam gerar confusão.

1.2. PREDICATIVOS NA GRAMÁTICA TRADICIONAL

Neste momento, vou condensar algumas informações sobre os predicativos na gramática tradicional, com alguns adendos de outras obras linguísticas.

Como vimos anteriormente, os predicativos são sintagmas autônomos (no sentido de Sautchuk (2018)), pertencem ao predicado e se referem semanticamente ou ao sujeito, ou ao objeto da sentença: “[o] predicativo refere determinado atributo ao sujeito ou ao objeto” (Luft, 1986). Eles se distinguem dos adjuntos adnominais justamente por serem sintagmas autônomos: os adjuntos adnominais são sintagmas internos, o que justifica o seguinte teste sintático:

- (9) a. João achou [[a aula] chata].
b. João achou [[ela] chata].
c. *João achou [ela].
- (10) a. João está fazendo [uma matéria [chata]].
b. *João está fazendo [ela [chata]].
c. João está fazendo [ela].

No primeiro caso, [chata] é predicativo do objeto, ou seja, [a aula] e [chata] são termos distintos; por isso, é impossível substituir ambos, simultaneamente, por *ela*. Contudo, no segundo caso, [chata] é adjunto adnominal e, por isso, pertence ao sintagma [uma matéria chata], objeto direto. Como o objeto pode ser substituído por um pronome, não é possível trocar apenas “uma parte”, deixando [chata] “de fora”. Esse é o principal diagnóstico para determinar se um termo é predicativo.

Existem algumas considerações sobre esse termo. O primeiro está relacionado às funções sintáticas. Para a gramática tradicional (Cunha e Cinto, 2016; Lima, 2019; Almeida, 2024), o predicativo não é argumento do verbo, mas também não é adjunto. Ele recebe o rótulo de “núcleo do predicado”, embora, em algumas circunstâncias, ele seja dispensável. Porém, se, em Chomsky (1981), é previsto que existem apenas núcleo, argumentos e adjuntos,¹ então

¹ Na verdade, os argumentos podem ocupar duas posições: especificador e complemento. Portanto, podemos assumir haver quatro posições sintáticas possíveis: o núcleo, os argumentos (especificador e complemento) e adjunto.

devem-se aplicar testes sintáticos que prevejam se o predicativo é argumento ou adjunto de um dado núcleo.

Primeiro, consideremos que, no caso dos verbos copulativos e dos verbos transobjetivos, o predicativo parece indispensável. Analisem-se os contrastes abaixo:

- (11) a. João é *inteligente*.
b. *João é.
- (12) a. O aluno achou a aula *chata*.
b. *O aluno achou a aula.²

No primeiro caso, o verbo *ser* é copulativo e, por esse motivo, deve ser seguido de um predicativo do sujeito, obrigatoriamente. No segundo caso, *achar* é um verbo transobjetivo, porque, além de requerer um complemento verbal (objeto direto ou indireto), ainda exige um predicativo associado a esse complemento (o predicativo do objeto). Em ambos os casos, retirar o predicativo algaravia a sentença, o que parece uma propriedade típica dos argumentos. Inclusive, sob o termo de *anexo predicativo*, Bechara (2019) e Peixoto Filho (2021) propõem que, nesses casos, o predicativo é, de fato, um argumento do verbo.

Por outro lado, existem alguns predicativos que, por serem dispensáveis sintaticamente, são mais próximos dos adjuntos. Analise o contraste abaixo:

- (13) a. Maria saiu da sala *pensativa*.
b. Maria saiu da sala.

Nesse caso, a retirada do predicativo [*pensativa*] não acarreta nenhum prejuízo sintático. Outra evidência de que esses predicativos e os adjuntos são próximos é a ideia de que “predicativos adjuntos” em geral assumem valor circunstancial (Cunha e Cintra, 2016; Kury, 2006), tal e quais os advérbios, que são elementos essencialmente adjuntos. Analise os paralelismos abaixo:

- (14) a. A professora, *nervosa*, brigou com os alunos.
b. A professora, *por estar nervosa*, brigou com os alunos. [causa]
- (15) a. *Dedicado aos estudos*, você vai chegar longe!
b. *Se for dedicado aos estudos*, você vai chegar longe! [condição]
- (16) a. Eu sou feliz *pobre*.

² A sentença é agramatical se considerarmos que o verbo *achar* apresenta o mesmo significado nas duas frases. No primeiro, caso, *achar* significa “considerar, julgar”; a segunda frase só seria aceitável se o verbo tivesse acepção de “encontrar por acaso” (Luft, 2008).

b. Eu sou feliz *mesmo sendo pobre*. [concessão]

Dessa forma, parece que não estamos lidando exatamente com uma única função sintática, mas sim com funções distintas, que apresentam propriedades sintático-semânticas distintas. Além disso, vários gramáticos assumem que o predicativo está associado ao sujeito e ao objeto (Bechara, 2019; Cunha e Cintra, 2016; Luft, 1986; Almeida, 2024). Contudo, Henriques (2015) apresenta evidências de que, na verdade, pode haver predicativos associados a outros termos sintáticos:

(17) João saiu [com a namorada] *irritada*.

(18) Você é igual [ao seu pai] *mais novo*.

No primeiro caso, se [irritada] for interpretado como adjunto adnominal, dá-se a entender que João tem várias namoradas. Supondo que ele tenha apenas uma, [irritada] é um predicativo do adjunto adverbial de companhia [com a namorada], uma vez que se trata do estado transitório da namorada naquele momento. Analogamente, se, no segundo caso, [mais novo] for interpretado como adjunto adnominal, pressupõe-se que você tem mais de um pai. Supondo-se que haja apenas um pai, então [mais novo] é predicativo do complemento nominal [ao seu pai].

Todos esses dados parecem mostrar uma certa incompletude quanto à descrição dos predicativos à luz da gramática tradicional.

1.3. TESTES SINTÁTICOS

Para distinguir os contextos de predicativo, vamos subdividi-los em alguns grupos, a depender de outras informações morfosintáticas presentes na sentença. Vamos considerar (i) o tipo de verbo e (ii) a seleção do verbo. Nesse caso, podemos distinguir três tipos de predicativos. Por um lado, existem predicativos que ocorrem (i) com verbo de ligação ou (ii) com verbos lexicais; por outro, existem predicativos regidos pelo verbo, enquanto outros atuam como adjuntos. Vamos chamá-los desta forma:

- **Predicativos copulativos:** são complemento de verbo copulativo;
- **Predicativos integrantes:** são regidos por um verbo transobjetivos;
- **Predicativos adjuntos:** não são regidos pelo verbo.

Repito abaixo os exemplos apresentados na introdução, com a respectiva classificação do predicativo segundo a divisão acima:

(19) Maria é *inteligente*. [predicativo copulativo]

- (20) A aluna achou a aula *interessante*. [predicativo integrante]
 (21) Raphaella saiu da sala *preocupada*. [predicativo adjunto]
 (22) A moça comeu o feijão *cru*. [predicativo adjunto]

No primeiro exemplo, *inteligente* é complemento do verbo copulativo *é*. No segundo exemplo, o adjetivo *interessante* é regido pelo verbo lexical *achou*; aliás, se o predicativo for eliminado, a sentença resultante, “a aluna achou a aula”, não apresenta a mesma regência do verbo acima. Por fim, *preocupada* é um predicativo adjunto, porque pode ser removido da sentença, sem causar-lhe prejuízo sintático.

Para distinguir esses tipos de predicativo, proponho dois testes sintáticos: o deslocamento e a extração QU. O deslocamento está atrelado à “liberdade” sintática do constituinte, ou seja, para quais posições ele pode ser movido. A extração QU é uma evidência para a distinção argumento-adjunto, uma vez que, em geral, elementos QU não podem ser extraídos de adjuntos (Chomsky, 1986; Huang, 1982). Em relação ao deslocamento, tomemos os exemplos apresentados acima. Em quais posições cada um dos predicativos pode aparecer?

- (23) a. *Inteligente*, Maria é *t*.
b. É *inteligente* Maria *t*.
- (24) a. A aluna achou *interessante* a aula *t*.
b. **Interessante*, a aluna achou a aula *t*.
- (25) a. Raphaella saiu *preocupada* da sala *t*.
b. *Preocupada*, Raphaella saiu da sala *t*.
- (26) a. A moça comeu *cru* o feijão *t*.
b. **Cru*, a moça comeu o feijão *t*.

Aparentemente, quando o predicativo se refere ao sujeito, ele é relativamente livre: pode ser topicalizado. Quando o predicativo se refere ao objeto, seu movimento é mais restrito: ele pode apenas alternar com o objeto, mas não pode ser topicalizado no começo da sentença.

Nos dados abaixo, apresento exemplos de extração QU, como diagnóstico da distinção argumento-adjunto.

- (27) a. Maria é [parecida *com quem*]?
b. *Com quem* Maria é [parecida *t*]?
(28) a. Carol acha Maria [parecida *com quem*]?
b. *Com quem* Carol acha Maria [parecida *t*]?
(29) a. Maria saiu da aula [saúdosa *de quê*]?

- b. **De que* Maria saiu da aula [saudosa *t*]?

Os dados acima mostram que os predicativos copulativos e integrantes licenciam a extração QU, o que é evidência de que são argumentos do verbo que os seleciona. Porém, o predicativo adjunto não permite a extração QU, evidência de que ele é, de fato, um adjunto.

Contudo, há um caso particular entre os dados de predicativos no português: os predicativos preposicionados. A gramática tradicional prevê casos de verbos que exigem predicativos preposicionados, como o caso do verbo *chamar*, cujo predicativo é introduzido pela preposição *de*:

- (30) João chamou Raphaella *de chata*.

Em princípio, esse predicativo parece respeitar as propriedades dos predicativos integrantes, como vimos anteriormente, a saber: o deslocamento é limitado apenas à alternância com objeto, e a extração QU é lícita.

- (31) a. João chamou Raphaella *de chata*.

- b. João chamou *de chata* Raphaella *t*.

- (32) a. A banca considerou minha filha como aprovada *em qual curso*?

- b. *Em qual curso* a banca considerou minha filha como aprovada *t*?

Entretanto, há uma construção particular, em português, que não respeita essas propriedades: é o caso de *estar com*, como se vê no exemplo abaixo:

- (33) Maria está com a perna *quebrada*.

Parece patente que *quebrada* é predicativo, e não adjunto adnominal, por alguns testes de constituição. Para demonstrar que [a perna] e [quebrada] são sintagmas distintos, é possível substituir o complemento da preposição por um pronome:

- (34) Maria está com ela *quebrada*.

Contudo, esse predicativo não parece permitir nenhum tipo de deslocamento, nem extração QU, contradizendo o outro caso que vimos anteriormente.

- (35) a. Maria está com a perna *quebrada*.

- b. *Maria está com *quebrada* a perna *t*.

- c. **Quebrada*, Maria está com a perna *t*.

- (36) a. Maria está com a cara [*cheia* de quê]?

- b. **De que* Maria está com a cara [*cheia t*]?

Considerando que a extração QU é proibida, considero que esse predicativo é adjunto. Contudo, haja vista o fato de que qualquer deslocamento falha, essa é uma estrutura particular, distinta daquelas que vimos até agora. Dessa forma, podemos sumarizar os tipos de predicativo desta forma:

Tipo	Associado ao	Deslocamento	Extração QU
Copulativo	Sujeito	Livre	Lícito
Integrante	Objeto	Restrito	Lícito
Adjunto	Sujeito	Livre	Ilícito
	Objeto	Restrito	Ilícito
<i>Estar com PRED</i>		Proibido	Ilícito

1.4. PROPOSTA DE TRILHA DIDÁTICA

Para o ensino de predicativos no Ensino Médio, propõe-se uma sequência de estratégias didáticas que articulem a gramática tradicional com procedimentos formais inspirados na gramática gerativa, visando ampliar a compreensão dos estudantes sobre o funcionamento estrutural da língua. Essa abordagem parte de situações reais de uso, avança para a análise sintática mais detalhada e culmina em atividades práticas de produção e revisão textual.

A proposta tem início com uma etapa de **sensibilização**, em que são apresentados exemplos extraídos da fala cotidiana. Expressões que indicam estados, qualidades ou condições, como “*A turma está animada*” ou “*O professor considerou a aula interessante*”, auxiliam na identificação intuitiva de palavras que qualificam sujeitos ou objetos, tornando mais evidente que o predicativo não existe isoladamente, mas estabelece relação com outro termo da oração.

Em seguida, recomenda-se a **sistematização dos conceitos** com base na gramática tradicional, destacando as diferenças entre predicativo do sujeito e predicativo do objeto. O uso de esquemas visuais, quadros comparativos ou diagramas pode facilitar a visualização das relações entre sujeito, verbo e predicativo, reforçando a função de cada termo na estrutura frasal.

Como complemento, introduzem-se, de forma adaptada ao nível dos alunos, recursos analíticos que dialogam com a gramática gerativa. Nessa etapa, apresentam-se os **testes sintáticos**, como o deslocamento (ou topicalização) e o movimento QU (extração interrogativa), que permitem verificar se um termo funciona como argumento selecionado pelo

verbo ou como adjunto. A aplicação desses testes pode ocorrer por meio de atividades em grupos, nas quais os estudantes experimentam deslocar termos ou formular perguntas, observando as restrições de cada construção.

A **sistematização coletiva** dos resultados é uma etapa essencial para consolidar o conhecimento. Recomenda-se a elaboração, em conjunto com os alunos, de um quadro classificatório dos predicativos, contemplando as categorias copulativos, integrantes e adjuntos, de acordo com suas propriedades sintáticas. Esse material pode permanecer exposto na sala de aula como referência para consultas futuras.

No momento de **produção textual**, sugere-se a redação de frases ou pequenos textos que explorem diferentes tipos de predicativos. A revisão colaborativa, com troca de produções entre grupos, contribui para a aplicação prática dos conceitos estudados e para o desenvolvimento de justificativas argumentadas para cada classificação. Essa prática amplia a autonomia dos estudantes na identificação de estruturas mais complexas.

É importante que a análise não se restrinja a exemplos criados em sala. Por isso, recomenda-se a exploração de **textos autênticos**, como reportagens, fragmentos literários ou publicações em redes sociais. Essa etapa favorece o contato com construções reais em que predicativos podem apresentar comportamentos variados, incluindo casos de ambiguidades que exigem uma análise mais cuidadosa.

Para consolidar o percurso, pode-se elaborar mapas conceituais ou esquemas de síntese, construídos de forma colaborativa, para organizar os tipos de predicativos, seus vínculos argumentais e as evidências oferecidas pelos testes sintáticos. Esses materiais reforçam a aprendizagem e servem como apoio para atividades futuras.

Assim, a trilha didática aqui proposta busca superar a memorização de definições isoladas, incentivando uma análise mais consciente das relações sintáticas que estruturam os enunciados em língua portuguesa. A integração entre a gramática tradicional e os procedimentos formais contribui para um ensino de gramática mais consistente, capaz de desenvolver habilidades de leitura, escrita e interpretação em diferentes contextos.

2. CONCLUSÃO

Analisar como as abordagens tradicional e gerativa podem contribuir para a classificação dos predicativos ajudou a revelar não só os pontos de convergência entre elas, mas também suas limitações e o impacto que podem ter no ensino de língua portuguesa. Desde a revisão de literatura, ficou evidente que a gramática tradicional oferece uma base normativa

consistente, essencial para apresentar as categorias e relações mais visíveis da frase. Por outro lado, quando se trata de restrições estruturais mais profundas ou de diferenciar argumentos e adjuntos em construções ambíguas, ela ainda deixa lacunas que precisam ser complementadas.

A aplicação dos testes sintáticos — deslocamento e movimento QU — trouxe clareza a essas diferenças. Exemplos como “*Maria saiu interessada em quem*”, onde o bloqueio da extração indica função de adjunto, contrastam com construções como “*João considerou Maria parecida com quem*”, em que a extração é possível, confirmando o caráter argumental. Esses detalhes mostram o valor de integrar uma abordagem mais formal, como a gerativa, ao olhar tradicional.

No contexto de sala de aula, a combinação dessas perspectivas pode ser transformada em atividades práticas que incentivem a análise crítica da estrutura frasal. Usar exemplos reais, tirados de textos didáticos ou de redações dos próprios alunos, pode tornar o ensino mais próximo da realidade e menos preso à memorização de regras isoladas.

Ainda assim, alguns desafios precisam ser considerados. Traduzir conceitos mais abstratos para diferentes faixas etárias nem sempre é simples, além de faltar material didático que una de forma clara e acessível a gramática normativa e os testes formais. O tempo limitado das aulas também pode dificultar a aplicação plena dessas estratégias.

Para pesquisas futuras, vale aprofundar a análise de predicativos em textos autênticos — como livros didáticos, provas escolares ou mesmo reportagens — a fim de identificar ambiguidades que a gramática tradicional não esclarece por completo. Que esta reflexão possa inspirar um ensino de gramática mais atento, capaz de desenvolver nos estudantes uma compreensão mais consciente das relações que estruturam a língua e fortalecem o uso competente em diferentes contextos.

3. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. CDB, 2024.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 39.^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its nature, origin, and use*. New York: Praeger, 1986.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- GANDULFO, Roberto. *Derivação de predicativos adjetivos*. Manuscrito, 2025.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. Rio de Janeiro: EPU, 2015.
- HUANG, Cheng-Teh James. *Logical relations in Chinese and the theory of grammar*. 1982. Tese (Doutorado em Linguística) — Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA.
- KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 55.^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 7.^a ed. Porto Alegre e Rio de Janeiro: Globo, 1986.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 2008.
- PEIXOTO FILHO, Fernando Vieira. *Morfossintaxe do português*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2021.
- SAUTCHUK, Inez. *Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo)sintática*. 3.^a ed. São Paulo: Manole, 2018.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1.º e 2.º graus*. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2009.